

**OBITUÁRIO /** Henrique Gougou, um dos grandes artistas de Brasília, parte aos 78 anos e deixa sua marca em quem apreciava criatividade, originalidade e cultura capazes de enxergar o mundo de outra forma

# Um mosaico de poesia

» EDUARDO FERNANDES

Criativo, alegre e talentoso. Henrique Goulart Gonzaga Júnior, 78 anos, para os amigos Gougou, morreu na última sexta-feira, em decorrência de complicações relacionadas ao Alzheimer. Mineiro, passou boa parte da vida no Rio de Janeiro, mas adotou Brasília para ser sua cidade do coração. Veio para a capital em 1965 e viu a cidade nascer. Jornalista, transformou um hobby em arte: os mosaicos que passaram a ser uma marca do DF — personalidades da história do Quadrado.

Gougou era ainda chargista e poeta. Por onde passava, deixava no caminho sua arte em diferentes formas. Piadista e bem-humorado, dizia que todo mundo tem algo a contribuir. Como jornalista, especializou-se em política e na cobertura dos bastidores do poder. Foi o primeiro a noticiar a guerrilha do Araguaia, na década de 1960 e metade da década de 1970 — momento de reação à ditadura militar em que vários críticos se reuniram e fizeram treinamento inspirado no movimento revolucionário cubano.

Mas há muitos anos, foi deixando o jornalismo na memória e cada vez mais assumiu seu lado de artista. Andar por Brasília é também ver a arte de Gougou por vários locais. Ele fez painéis em mosaico de Juscelino Kubitschek, Paulo Freire, Lúcio Costa, Honestino Guimarães e Darcy Ribeiro. Ele brincava que só fazia homenagens a quem tinha admiração, a prova está aí.

Ana Maria Lopes, 76, amiga desde a adolescência, conta que o artista exercia seus talentos com muita virtude e amor. “Fomos colegas de UnB, em 1968.

Arquivo pessoal



Henrique Gougou morreu em decorrência de complicações do Alzheimer. Jornalista, fez mosaicos que passaram a ser uma marca do DF

A partir daí, não deixamos essa parceria alegre acabar. Trabalhamos juntos, também, na Câmara dos Deputados”, ressalta a jornalista e escritora.

Segundo a amiga, a arte de Gougou está nos mosaicos que enfeitam a Biblioteca Demonstrativa de Brasília. “A morte dele por causa do Alzheimer está sendo

sentida por centenas de amigos. Uma de suas qualidades era essa: fazer amigos. Não sei mais o que dizer além da profunda saudade que ele deixou”, completa.

## Família e legado

Bárbara Heliodora Goulart, 48, filha de Gougou, emocionou-se ao falar sobre o legado do pai.

Segundo ela, é difícil elencar o que ele deixou porque todo momento era de aprendizado. Artista nato, ele colocava a criatividade e originalidade em tudo. Otimista, animado e alto-astral. Tinha um olhar crítico para o mundo, sobretudo pela sensibilidade com desenhos e charges.

“Em tudo ele colocava a sensibilidade, do contato com as pessoas à arte. Ele era assim”, afirma ao **Correio** Bárbara. “Com ele, aprendemos a ter alegria pela vida”, acrescenta. “Papai tinha uma inquietude de fazer a arte dele independentemente se venderia ou não. Seu intuito era incomodar e mostrar que, em qualquer lugar, poderia existir arte”, completa ela. “Acompanhamos toda a doença dele. O papai permanece com a gente nesse olhar inquieto, alegre e feliz.”

Herdeiro do nome do avô e do pai, Henrique Goulart Gonzaga Neto, 44, afirma que a lembrança que permanece é de um herói de carne e osso. “Ele foi um farol de alegria e um verdadeiro herói para todos que tiveram a oportunidade de tê-lo por perto”, ressalta. Conhecido por seu sorriso contagiante e sua eterna disposição para transformar dias comuns em aventuras memoráveis, era uma figura emblemática desde sempre.

Não importa se a aventura era Pirenópolis ou nas águas do Lago Paranoá, cada momento ao lado do pai era valioso e celebrado. O espírito brincalhão e a habilidade de encantar crianças e adultos faziam dele um ser humano inesquecível e raro. Além dos filhos, frutos de seu primeiro casamento, Henrique deixa a esposa Brígida. Agora, Gougou será lembrado nos passeios pelos lugares históricos da Brasília, que tanto amou.

## TRAGÉDIA

# Família é enterrada sob comoção

» MILA FERREIRA

As vítimas do incêndio ocorrido na última segunda-feira em Arapoanga foram enterradas na tarde de ontem no cemitério de Planaltina. São elas a diarista Ione da Conceição, 47 anos; a filha dela, Eulália Narim da Conceição Pereira, de 5 anos; e as netas Sophya Hellena Conceição Costa, 8; Marybella Marinho da Silva, 9; e Kathleen Vitoria da Conceição Silva, 14. O sepultamento aconteceu sob comoção de populares, amigos, parentes e vizinhos, que prestaram homenagem por meio de uma camiseta com a foto das cinco.

As primeiras a serem sepultadas foram Ione e a filha Eulália, que foram enterradas no mesmo jazigo. Na sequência, Kathleen e depois Sophya e Marybella, que também foram enterradas juntas. Os cinco caixões, todos fechados, foram velados embaixo de uma tenda, próxima aos jazigos. Antes do enterro, os presentes prestaram as últimas homenagens com louvores cantados em uníssono e acompanhados por um músico ao violão. Um

pastor também esteve presente para orar com a família.

Alguns familiares chegaram a passar mal devido ao calor e às fortes emoções. O Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal (CBMDF), que contava com uma ambulância no local, prestou atendimento às pessoas que precisaram, mas não foi necessário o transporte para unidade de saúde.

Maria de Fátima da Silva, tia de Marybella, Sofya e Kathleen, falou com o **Correio** e comentou sobre a dor de enterrar duas crianças e uma adolescente da mesma família. “Elas são filhas do meu sobrinho. É dolorido demais ver um caixão atrás do outro. Os pais precisaram ser atendidos pelos bombeiros porque não aguentaram tanta dor”, relatou. “Não vai ser fácil encarar isso. A mãe presenciou a cena da filha menor e da mãe dela no momento do incêndio e não pôde fazer nada. Ela estava na casa dos fundos”, completou. “As meninas eram muito unidas e apegadas com a avó. No dia do incêndio, elas pediram para dormir com ela e a mãe deixou. Com

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Familiares estavam muito emocionados durante o sepultamento e alguns chegaram a passar mal

o tempo muito seco e os barracos sendo de lona e madeira, tudo queimou muito rápido”, concluiu.

## O caso

Na noite da última segunda-feira, Ione, Eulália, Kathleen, Sofya e Marybella foram encontradas mortas após um incêndio tomar

conta da casa em que moravam no bairro Nossa Senhora de Fátima, localizado na região de Arapoanga. Vizinhos ainda tentaram ajudar a apagar as chamas, mas não foi possível salvá-las.

O trabalho de identificação das vítimas só foi concluído pela Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) na última sexta-feira. Três vítimas foram identificadas por

meio de exames de necropsiloscopia. As demais foram identificadas por exames de DNA e análise de arcada dentária.

A corporação informou, por meio de nota, que os laudos periciais que determinarão a causa do incêndio estão em fase de elaboração e serão divulgados assim que os resultados estiverem disponíveis. “A Polícia Civil do Distrito Federal

segue empenhada em esclarecer todas as circunstâncias do ocorrido e manterá a população informada sobre os desdobramentos do caso”, finaliza a nota.

## Regularização

Além da dor da perda dos conhecidos, a comunidade de Arapoangas, onde aconteceu o incêndio que culminou na morte de cinco pessoas, se disse indignada por sentir-se abandonada pelos gestores públicos. Eles relataram à imprensa que têm acesso a água e energia por meio de “gatos” e que pediram auxílio por diversas vezes, mas não foram ouvidos. Após a tragédia, moradores expuseram duas faixas pedindo por respostas e por justiça. Eles também usaram tinta para escrever frases nas paredes de alguma residências.

Na região onde ocorreu o incêndio, praticamente todos os imóveis foram levantados com materiais como madeira e telhas de amianto. Na vizinhança, a reportagem verificou apenas três casas construídas com tijolos. O administrador de Arapoangas, Sérgio de Araújo, informou que a área onde os barracos estão localizados é particular e que os documentos são regidos por uma fazenda, mas garantiu que, a partir de agora, uma força-tarefa será iniciada para que a região possa ser regularizada.

## Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: [cidades.df@dabr.com.br](mailto:cidades.df@dabr.com.br)

### Sepultamentos realizados em 17 de agosto de 2024

#### » Cemitério Campo da Esperança

José Lima Ribeiro, 77 anos  
Rosa Maria de Negreiros Furtado, 70 anos  
Sofia Quintana Lucas, 86 anos  
Yu Chi Au, 73 anos

#### » Cemitério de Taguatinga

Agenor Rodrigues da Câmara,

91 anos  
Guaraciaba Augusta da Silveira Nascentes, 88 anos  
Heitor Muniz Passos Ornelas, menos de 1 ano  
Ivânia Rodrigues, 56 anos  
Margarida Francisca dos Santos, 63 anos  
Maria Alves das Neves, 57 anos  
Maria Conceição de Queiroz,

97 anos  
Nilson Rodrigues Pereira, 64 anos  
Paulo Gilvan Alves de Miranda, 62 anos  
Rafael Rodrigues Celestino, 38 anos  
Terezinha Maria da Silva, 67 anos  
Umbelina Marins, 84 anos

#### » Cemitério do Gama

Elza Elias da Silva, 87 anos

#### » Cemitério de Planaltina

Eulália Narim da Conceição Pereira, 5 anos  
Ione da Conceição, 46 anos  
Kathleen Vitoria da Conceição Silva, 14 anos

Marybella Marinho da Silva, 9 anos  
Sophya Hellena Conceição Costa, 8 anos

#### » Cemitério de Sobradinho

Afonso Pereira dos Santos, 74 anos  
Salvador Gomes Pinheiro, 94 anos

#### » Jardim Metropolitano

Elcídia Pereira de Souza, 90 anos  
João Ferreira Botelho, 25 anos  
Conceição Cunha de Assis, 83 anos  
Sônia Maria da Silva, 53 anos  
Kuniharo Moroishi, 80 anos (cremação)  
Mônica Pontes Veloso, 60 anos (cremação)